Conheci o Professor Patrício em 1985, quando entrei para a Licenciatura em História nesta Universidade. Na sala 172 no primeiro piso do Colégio do Espírito Santo, de manhã pelas oito e trinta, apinhada de alunos. De História éramos 25, mas mais dois ou três cursos se juntavam nas aulas conjuntas da *Teoria da Educação*, cadeira dada pelo Professor logo no 1º ano dos cursos denominados *via ensino*.

Explicou-nos então, no seu jeito sábio e paciente, a importância de ser professor e a necessidade da preparação pedagógica e científica para esse fim. Por essa altura andavam extremados os dois campos na Universidade, as pedagogias e as científicas, cada uma sem razão, penso agora no fio dos anos, querendo reduzir a um mínimo denominador comum as respectivas componentes nessas licenciaturas.

Aprendi História, mas sobretudo aprendi a ser professora e a amar esta profissão. Não tenho dúvida que ao Professor Patrício devo grande parte dessa descoberta. Algures, num dos textos da *REVUÉ*, lhe chamei o “Mestre dos Mestres”, foi assim que o vi é assim que o vejo. Ensinou-nos com as palavras, mas sobretudo com o exemplo. Culto, humanista, preocupado com o *outro*, gentil como poucos, com justiça é amado e admirado por gerações de alunos de todas as instituições onde esteve e deixou a sua marca. Muitos, muitas!

E por isso, quanto à importância que teve nesta Universidade, enquanto seu Professor e Reitor, bem expressa na História que justamente se vem fazendo da instituição, por ocioso, me isento de aqui a referir.

De facto, a estima foi instantânea e mútua. Haveria de me convidar para assistente no Departamento de Pedagogia em 1992, de onde viria depois de dois anos e meio de tirocínio no Liceu Maria Amália, e de um mestrado em História Cultural e Política a caminho na Universidade Nova.

Acompanhou-me a carreira académica, foi meu orientador, meu Professor e sobretudo meu amigo, foi o meu “pai académico”. Acompanhei-o também a ele, sempre muito perto até à sua recente jubilação. Agora vemo-nos mais a espaço, mas sei que anda ocupadíssimo, milhares de quilómetros por ano em conferências, palestras, apresentações da *sua* orquestra e escrita abundante nos seus inúmeros e ilegíveis cadernos azuis.

Estou em S. Tomé, e com muita pena não posso estar presente nesse dia de homenagem. Mas sei, que ele sabe, o quanto gosto dele e o admiro. E que em breve nos encontraremos mais uma vez para comer um cozido em Montargil e por a conversa em dia.

Sara Marques Pereira

S. Tomé, Edifício Equador, 14 de Fevereiro de 2016